Divulgação

Fredric Michael Litto

Presidente da Abed faz um *check up* da EaD no Brasil

Estimular e incentivar a prática da mais alta qualidade de serviços para alunos, professores, instituições e empresas que utilizam a Educação a Distância está entre os principais objetivos da Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), sociedade científica voltada para o desenvolvimento da educação aberta, flexível e a distância. Com essa finalidade, a Abed organiza congressos, seminários, reuniões científicas e cursos voltados para a sistematização e difusão do saber em EaD. Para conhecer mais sobre essa instituição que, sem fins lucrativos, vem colaborando para o desenvolvimento e valorização da EaD, no Brasil, a Revista Aprendizagem entrevistou o seu presidente, o professor Fredric Michael Litto. Para ele, é preciso procurar sempre "melhorar o produto" experimentando abordagens pedagógicas e tecnológicas ainda não testadas.

1. Revista Aprendizagem> Como tem sido vista a Educação a Distância no Brasil: um complemento do presencial, uma ampliação do acesso à educação ou uma substituição gradativa do presencial?

A EaD é vista das três formas. Depende dos grupos de interesse. Na verdade, complementa a educação presencial na medida em que é uma metodologia que permite a aprendizagem continuada. É uma forma de acesso à educação de qualidade, para os que estão em regiões mais distantes e substitui muitos aspectos da presencial, em áreas onde é possível haver um sistema de absorção do conhecimento com ausência de um professor presencial.

2. RA> Em linhas gerais, a procura por cursos de Educação a Distância tem aumentado consideravelmente em todo o país. Quais são os últimos números do setor e a que o senhor atribui tamanho sucesso a essa demanda?

O aumento poderia – e deveria – ser muito maior, caso não existissem tantas restrições por parte dos órgãos públicos encarregados dos credenciamentos das instituições. Considerando a extensão territorial do país e a permanente necessidade de maior número de pessoas qualificadas, a demanda tende a ser muito maior. O sucesso decorre de um conjunto de fatores, sendo o principal a necessidade de absorção de conhecimento no cotidiano pessoal e profissional. O Governo Federal não possui números exatos, tanto da Educação Básica como da Superior. Esse trabalho tem sido feito pela Abed e disponibilizado por meio do Censo da EaD.

3. RA> De que forma o crescimento da oferta dos cursos a distância pode contribuir para a inclusão social no Brasil?

É necessário que exista maior número de programas educacionais para pessoas de baixa renda. Atualmente, ainda são poucos os cursos profissionalizantes que auxiliam a inclusão. Não se vê, também, programas de educação de qualidade nos presídios e em outros locais, como assentamentos. Os telecentros, em todo o país, também poderiam servir como pontos de atendimento e apoio a quem estuda através de meios tecnológicos. É estranho que cada Ministério tem a sua solução particular para a inclusão, e, como resultado, temos poucas possibilidades para benefícios sinérgicos como: divisão das responsabilidades para a preparação e manutenção de conteúdo para aprendizagem como resultado de colaboração e coordenação entre Ministérios e Estados; os aspectos tecnológicos para levar os sinais de comunicação para todos os cantos do território nacional; e outras tarefas que fazem parte da missão de educar, com eficácia, os milhões ainda fora do lugar certo como participantes na economia.

4. RA> Quando se fala em EaD, pensamos na quebra de barreiras e acesso à educação. E, no caso de regiões sem acesso à internet, como lidar com esse entrave para que a educação realmente seja uma modalidade sem fronteiras?

Nessas situações, as únicas alternativas são o uso do rádio e televisão e do meio de ensino por correspondência. Não tem mistério nisso. Essas tecnologias mais antigas ainda têm o seu valor.

5. RA> Qual o perfil do aluno da EaD? É normal ele pensar que, por ser na modalidade EaD, o curso será mais fácil de concluir? Comente sobre isso.

Nos levantamentos anuais feitos pela Abed, o típico estudante do Ensino Superior de EaD no Brasil está empregado, casado, pai de um ou mais filhos, altamente motivado para completar seu curso, o que explica o fato de que a taxa de evasão na EaD é quase igual à presencial: 18%. Os fatores que fazem da modalidade a distância ser atraente para os alunos são a flexibilidade de dia e horário para os estudos e a eliminação da obrigação de ter que viajar para lugar distante da sua residência, para participar ativamente no curso.

6. RA> - E o perfil do professor? É o mesmo do professor em aulas presenciais? Quais características aquele que trabalha com EaD deve ter?

Está errada a ideia de que quem prepara o material didático precisa ter o título de doutor para ser um bom "conteudista". Tem, sim, que ser um bom autor de material educacional e não, necessariamente, um produtor ativo na descoberta de novos conhecimentos na sua área de especialização, uma característica que exigimos, oficialmente, mas não de fato, dos professores do presencial. A mentalidade cartorial, de desconfiança de tudo e de todos, atrasa o desenvolvimento de toda a educação no Brasil. E o tutor de EaD não pode ser equiparado à mesma categoria do conteudista. O primeiro é um profissional sênior, possuindo mais experiência, mais maturidade, e, talvez, mais titulação. O segundo é um profissional júnior, possivelmente ainda fazendo cursos de pós-graduação, menos experiente e, por isso, deve receber remuneração inferior ao primeiro. Da mesma forma, não deve ter igual peso nas discussões e votações envolvendo a coordenação do curso de EaD.

7. RA> Uma das desvantagens da EaD é a distância física entre professor/aluno e aluno/aluno. Que meios podem ser adicionados ou incrementados para uma maior interatividade entre todos?

Esta pergunta tem embutido um preconceito que não é aceitável. Vamos começar pela descrição honesta da modalidade presencial: (a) quem tem o papel "ativo" é sempre o professor, que tem uma ótima "viagem" para seu ego, reduzindo o estudante ao papel "passivo"; (b) há pouca oportunidade para a interação entre os alunos (segundo as pesquisas, ocorre a mais eficaz parte da aprendizagem); (c) as pesquisas não confirmam que a sala de aula com menos alunos é mais eficaz do que uma com muitos; e (d) também, há comprovada evidência de que em classes presenciais, haja mais intimidação das mulheres por parte dos homens, algo que acabe "censurando" a participação feminina nas discussões. Na EaD, via *web*, está comprovado que, depois de uma boa "arquitetura" para a estrutura do curso feita pelo professor, o curso avança principalmente pelas discussões entre os alunos, igualando homens e mulheres, e, desde que não haja excesso de alunos (acima de 40), há boas oportunidades para participação de todos. A comunicação com o professor ou tutor costuma ser mínima. Por outro lado, há o *peer-to-peer mentoring* – alunos ajudando outros alunos no curso, revisando os trabalhos escritos, uns dos outros, entre outras abordagens interessantes.

8. RA> Ainda há algum tipo de preconceito com relação à Educação a Distância?

Há cada vez menos preconceito na sociedade, em geral, por três razões específicas, entre outras menos impactantes: primeiro, as várias iterações do Telecurso já somam mais de trinta anos, chegando através de vários canais de televisão em rede aberta, visível por uma boa parte do público geral. Quando você reúne bom conteúdo e boa produção (desenho instrucional mais recursos televisivos usados inteligentemente) pode ter um produto que supere a qualidade mediana da sala de aula presencial típica no país (aplausos para a Fundação Roberto Marinho e seus parceiros por essa conquista); segundo a crescente divulgação, na mídia, dos exemplos bem-sucedidos de figuras de destaque na sociedade, como o deputado Vicentinho, que fez todo o Ensino Básico através do Telecurso, a deputada Marina Silva ,que fez o Ensino Médio via Telecurso, e o senador Valdir Raupp de Matos, que também fez cursos a distância, tem aumentado a credibilidade e a viabilidade da EaD em muitos setores educacionais; e, em terceiro, o sucesso profissional de muitos formados através da EaD tem deixado diretores de recursos humanos das empresas brasileiras com a distinta impressão de que isso se deve ao fato de que, para ter sucesso na própria EaD, esses indivíduos tiveram que adquirir boas habilidades de proatividade, autonomia, autoconfiança, autodisciplina e automotivação, características de bons executivos e colaboradores do setor empresarial. Aos poucos, os preconceitos vão desaparecendo à medida que prevalecem claras evidências da competência daqueles que fazem bons cursos de EaD.

9. RA> Ainda existem áreas que não aceitam alunos graduados a distância? Se sim, quais? Há perspectivas de reverter esse cenário?

O Conselho Regional de Biologia do Rio de Janeiro tentou barrar formados através da EaD, mas foi levado à Justiça pelo MEC, perdeu a causa e agora aceita tais alunos. O Conselho Federal de Serviço Social

continua punindo seus membros que não seguem sua orientação para recusar, em estágios supervisionados, estudantes com formação via EaD. Atualmente, há 74 mil estudantes fazendo cursos a distância nessa carreira, sem perspectivas a poder exercê-la. A Abed já realizou uma reunião com a diretoria desse Conselho, apresentando evidências da qualidade da EaD no Brasil, mas o viés ideológico (a maioria de cursos é oferecida em instituições privadas), o desejo de manter controle sobre o número de profissionais atuando no mercado e a resistência cega a contra-argumentos com relação à natureza da EaD, fazem com que os profissionais do Conselho Federal de Serviço Social continuem, por enquanto, vivendo jurassicamente. A Ordem dos Advogados continua rejeitando qualquer proposta de aceitar, em seus exames, pessoas que estudaram a distância o curso de graduação em Direito. Aceita cursos de pós-graduação, mas não de graduação, mais uma vez querendo manter uma reserva de mercado e, cegamente, rejeita a modalidade de EaD, sem nenhum argumento convincente que, substancialmente, diferencie o Direito de outros cursos universitários.

10. RA> No Enade, os alunos de cursos a distância alcançaram notas maiores que a dos estudantes do ensino presencial. Como o senhor avalia esse acontecimento e o que isso pode mudar na credibilidade e crescimento da EaD?

Se você considera que, desde 2007, nos exames do MEC, denominados Enade, que avaliam os conhecimentos de recém-egressos do ensino superior, os alunos que estudaram a distância tiraram média de notas superior aos alunos do presencial, não deve demo-

rar muito para essa barreira também cair. Esse resultado pode ser explicado de duas formas: primeiro pelo fato de que o aluno que estuda a distância é beneficiado por um sistema que, diferentemente do presencial, não sofre as consequências de greves de professores e funcionários,anualmente inconformados com seus salários, e não depende da "inspiração pontual" do professor, uma vez que a EaD tem sua "inspiração", realizada por uma equipe, garantida, gravada definitivamente no material de aprendizagem preparado para os alunos; segundo, pelo perfil dos estudantes de EaD: 70% trabalham e estudam, o que demonstra alta motivação, são casados, têm pelo menos um filho e fortes ambições de melhorar seu salário e subir na carreira, o que exige autodisciplina, organização e proatividade.

11. RA> O que o MEC deveria fazer para uma mais abrangente e rápida expansão da EaD no Brasil?

O Brasil é um dos poucos países que têm uma legislação específica para a EaD, resultado da "imaturidade"do Ensino Superior no país, desconfiança quantas às intenções dos seus cidadãos. Enquanto os espanhóis criaram universidades nas suas colônias sul-americanas no século dezessete, os portugueses acreditavam estar absolutamente certos de que tais instituições eram perigosas porque nelas as pessoas pensavam que representava, e ainda representa, um risco ao regime no poder. As primeiras verdadeiras universidades no Brasil datam apenas de 1934, fato que, até hoje, está causando problemas em abundância. Nos países com tradições centenárias de Ensino Superior, as instituições, seus departamentos e programas são avaliados em conjunto, uma vez que é o colegiado máximo da instituição que aprova cursos presenciais e cursos via EaD. O MEC tem optado, na sua desconfiança, pelo "micromonitoramento" dos cursos de EaD: exige que quem oferece essa modalidade deve ser, também, já credenciado pelo presencial (não há defesa convincente para isso); exige o mesmo número de horas de duração de cursos em EaD e o presencial, evidenciando o fato de que esse regulamento foi feito por quem claramente não entende que, em EaD, os alunos podem progredir mais rapidamente se eles têm o tempo disponível para os estudos. Em geral, exige que um "modelo pedagógico único" seja seguido por todos, desrespeitando Artigo 207 da Constituição Federal, que garante autonomia na pedagogia e administração para universidades, elimina-se qualquer possibilidade de experimentação, criatividade e inovação. Corrigindo essas falhas seria uma forma para começar.

12. RA> E, no caso de instituições como a Abed, o que está sendo feito para contribuir para a valorização e respeito da EaD no Brasil?

Como sociedade científica, a Abed prefere fazer publicações de natureza científica, oferecendo uma visão da prática da EaD baseada em pesquisas antes, durante e depois da realização de seus cursos. Essas publicações, e os conclaves organizados anualmente para os três mil membros da Associação (além de outros interessados), tentam estimular pesquisa sólida, abrangente e concebida em termos globais — isto é, nos esforçamos para trazer ao Brasil os melhores expoentes da EaD no mundo, aos quais mostramos, com orgulho, as "boas práticas" das instituições nacionais e examinamos os relatos atualizados das novas "boas práticas" deles. Nos seus eventos e suas publicações, a Abed oferece uma "ágora" para os debates e a fraternal competição entre educadores e instituições que fazem parte de uma comunidade especializada em um assun-

to que tem história. A Universidade de Londres começou o ensino superior via EaD, em 1858, e hoje algumas das mais prestigiadas instituições,como Stanford, Harvard e MIT, estão fazendo fama atrás da oferta de cursos de EaD para centenas de milhares de aprendizes que são os Massive Open On-line Courses (MOOCs), traduzindo para o português: Cursos Maciços Abertos e Online.

13. RA> Qual é o maior entrave para o desenvolvimento do setor no País?

O maior entrave é o hábito do povo, e, consequentemente, do seu governo, de ter "expectativas excessivas", isto é, querer resultados rápidos e eficazes para a solução de problemas sociais complexos. Tal como a tendência de empresários brasileiros, que querem um retorno ultra rápido nos seus investimentos, temos muitas evidências, por parte dos governos e da mídia, da necessidade de achar a "bala mágica" ou "bala de prata" para solucionar os problemas da educação no Brasil. Acabamos de ver justamente isso, recentemente, quando uma fundação do setor privado trouxe, para seminários e reuniões com os governos, Salman Khan (Khan Academy) e Marc Prensky (autor da ideia de "nativos digitais" e "imigrantes digitais". Ambos foram tratados, tanto por governantes quanto pela mídia, como os possíveis "salvadores da pátria" no setor da educação, quando, na realidade, suas ideias já são praticadas no país, em escala restrita por causa do conservadorismo dos educadores e daqueles que regulamentam a educação no Brasil. Os estrangeiros, inteligentemente, foram embora sem aceitar se envolver com a turma de desesperados procuradores de uma "bala mágica".

14. RA> Quais são os principais desafios da EaD para 2013 e para os próximos 10 anos?

Crescer com inteligência, serenidade e, cada vez mais, com excelência na prática de EaD. Fazer isso sempre procurando "melhorar o produto" experimentando abordagens pedagógicas e tecnológicas, ainda não testadas. Além disso, não se deve sacrificar o aluno, seja como aprendiz ou como consumidor, na procura de economias, que acabam prejudicando o processo ensino-aprendizagem. Poderíamos recolocar o Brasil entre "os melhores do mundo em EaD", um status que tínhamos na década de 1970 e que perdemos devido à descontinuidade, tanto governamental quanto do setor produtivo.

Fredric M. Litto
Professor emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; foi Coordenador-Fundador do laboratório de pesquisa "Escola do Futuro da USP e é Presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância-ABED desde 1995. Recebeu seu segundo Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, na categoria Tecnologia e Informática, pelo seu livro Aprendizagem a Distância.